



## APORIAS EM AGOSTINHO: DE TAGASTE À HIPONA

WALESKA SOUTO MAIA\*

### 1. Introdução

Ao longo da história inúmeros foram os teólogos, filósofos, historiadores e tantos outros que revisitaram e resignificaram os escritos de Agostinho. Nascido em Tagaste, na Província da Numídia, na África romana- a 13 de novembro de 354, teve uma trajetória de peculiar influência no contexto do norte da África e no cenário cristão romano, de maneira geral. Cabe-nos refletir sobre a relação entre suas experiências e suas concepções sobre a humanidade, temporal e histórica e Deus, atemporal e a-histórico. Assim sendo, almeja-se historicizar o discurso de Agostinho, tantas vezes tomado de forma atemporal e doutrinária. Conseqüentemente nos voltaremos para o papel da realidade da cidade de Hipona (na costa africana) onde, apesar da sua resistência foi ordenado presbítero em 391 e quatro anos mais tarde tornou-se bispo.

O autor é considerado singular na literatura latina, não apenas pela influência de suas obras na construção da filosofia cristã, denominada Patrística<sup>1</sup>, como por sua concepção de tempo e história considerada basilar na construção de uma história teológica, expressão cunhada por José D'Assunção Barros e posteriormente por uma filosofia da História:

*[...] este modo de pensar a história, mais antigo que tivera seus princípios com Santo Agostinho (354-430) e o seu apogeu no século XVII com as 'histórias teológicas', estas que, à maneira de Bossuet (1627-1704), enxergavam o desenvolvimento histórico em termos de processos e acontecimentos guiados pela Providência Divina. (BARROS, 2011:116).*

---

\* PUC-Rio, doutoranda bolsa CAPES-TAXAS. Inserida no Programa de História Social da Cultura sob a linha de pesquisa Teoria, Historiografia e História Intelectual.

<sup>1</sup> Denomina-se patrística em sentido histórico, a filosofia que predominou no Ocidente, sob influência do cristianismo, no período que se estende entre o século I e o século XIV d.C. Tal filosofia é dividida em dois momentos: o primeiro até meados do século V, conhecido como Filosofia Patrística; e o segundo, do século X ao XIV, que corresponde à chamada Filosofia Escolástica ou Medieval. A Patrística é conhecida como a ciência determinada pelo estudo metodológico sobre todo material documentado a partir do primeiro século com exceção dos livros canônicos que posteriormente formaram o Novo Testamento, até os primeiros sinais medievais claros de emancipação da metodologia antiga própria dos primeiros séculos. (REZENDE, 2004). O projeto da Filosofia Medieval, iniciado junto à Filosofia Patrística, intentava, predominantemente, desenvolver uma proposta racional da fé cristã. A Igreja, que já se apresentava como instituição oficial, galgava uma base filosófica, desvinculando a fé de uma questão meramente emotiva. (HADOT, 1999:355).

Apesar dos múltiplos estudos, em variados campos do saber, realizados sobre o discurso de Agostinho desde o século V, com o autor ainda em vida, cabe a preocupação com os atos de fala, intenção do discurso, a receptividade, os interlocutores e a relação entre o seu pensamento e as questões históricas nas quais estava submerso, de onde indubitavelmente se destaca o contexto do Norte da África. Eis o desafio lançado a partir da obra *Cidade de Deus*: identificar os interlocutores e as características socioculturais que lhe cercavam e influenciavam.

A pergunta que se faz presente no decorrer da análise foi lançada por Mudimbe “poderemos conciliar a fé universal (cristianismo) e uma cultura (africana) no seio de uma disciplina (teologia) que seja epistemológica e culturalmente marcada?” A questão marca indiretamente o legítimo papel dado a “presença africana no campo da teologia cristã”. (MUDIMBE.2013:205).

## 2. A Obra

A principal fonte documental de análise no presente artigo é a obra *Cidade de Deus*, escrita entre 413 e 426, em 22 livros atualmente compilados. A ocasião era marcada por um período de extrema instabilidade: saque de Roma pelos godos em 410, em 411 temos a entrada dos visigodos na Gália meridional, e em seguida, por volta de 427, os vândalos passam para a África, sob comando do rei Genserico. (MARROU, 1957:8). Assim, buscando responder aos contemporâneos que acusavam o cristianismo da ruína de Roma, o bispo divulga, em vida os livros.

*Quando comecei a tratar da Cidade de Deus, julguei dever dar resposta a seus inimigos que, andando à caça de prazeres terrenos e apegando-se à coisas transitórias, qualquer coisa que padecem, advertindo-os Deus mais com misericórdia que castigando-os com severidade, a exprobram à religião cristã, única salutar e verdadeira. E porque, como se encontram entre eles o vulgo ignorante, cujo ódio mais se inflama contra nós, visto como se apoia na autoridade de seus sábios, e que se persuade de as coisas insólitas de nossos tempos se encontrarem precedente nos anteriores, e quem sabe ser isso falso, dissimula quanto sabe, a fim de parecerem justas as censuras feitas a nós, tornou-se necessário demonstrar, com base nos livros que seus autores nos legaram para conhecimento da história dos tempos passados, haverem sido, por certo, muito diferentes do que pensam. (AGOSTINHO, 2009:149)*

Os livros foram dedicados a Marcelino (AGOSTINHO 2009:69), amigo de Agostinho que lhe levara notícias sobre as acusações de pagãos que responsabilizavam habitantes e governantes cristãos, que abandonaram deuses de outrora pela queda de Roma. O tribuno pede então obra em defesa aos cristãos. (HAMMAM 1957:97).

Assim sendo Agostinho nos informa sua motivação para a escrita de Cidade de Deus, assim como torna clara a sua percepção de que não seria capaz de desenvolvê-la sem a ajuda de uma verdade inspirada por Deus: “Nesta obra, que estou escrevendo, conforme promessa minha, e te dedico, caríssimo filho Marcelino, empreendendo defendê-la contra esses homens que a seu divino fundador preferem as divindades. Trata-se de trabalho imenso e árduo, mas conto com o auxílio de Deus”. (AGOSTINHO 2009:27). Assim, enquanto humano compreende-se incapaz de realizar tamanha intenção, sem o auxílio de Deus. Iremos desenvolver melhor este pensamento mais adiante.

Agostinho coloca-se “contra homens que preferem divindades ao divino fundador” (AGOSTINHO, 2009:27), “aos fiéis” (AGOSTINHO, 2009:53), “cultos” manipuladores do povo” (AGOSTINHO, 2009:71), “matemáticos astrólogos” (AGOSTINHO, 2009:192-198), “os que opinam que os astros, sem a vontade de Deus, determinam nossas ações, os bens que teremos ou os males que padeceremos” (AGOSTINHO, 2009:190), esses entre tantos outros filósofos e homens comuns cristãos e não cristãos que acusavam ao cristianismo pela queda de Roma e a invasão da África cristã, tinham então em Cidade de Deus argumentações que buscavam, com justificativas históricas e religiosas, demonstrar o equívoco de tal acusação.

Assim sendo, o bispo de Hipona utiliza diversos autores denominados “pagãos” para legitimar seu argumento, seja desqualificando-os ou se apropriando de suas concepções de virtude para sobrevalorizar as virtudes cristãs. Com “Livros profanos em punho” (AGOSTINHO, 2009:54) apropria-se da tradição filosófica e mitológica greco-romana para legitimar sua concepção religiosa e filosófica. Entre os autores apropriados utilizados destacam-se ao longo da obra Virgílio, Cícero, Platão (e neoplatônicos, destaque para Plotino), Homero, Salústio, Varrão, Zenão e de Crisipo (estoicos) e Hermes, o Egípcio. Sobre as escolas filosóficas, influenciadoras do universo greco-romano destaca:

“A literatura grega, cuja língua é celebre entre todos os idiomas pagãos apresenta duas escolas filosóficas, a itálica, cujo nome se deve à parte da Itália chamada

outrora magna Grécia, e a Jônica, nascida nas regiões ainda hoje chamadas Grécia. A escola itálica tem por autor Pitágoras de Samos [...]. (AGOSTINHO, 2009:302-303)

Observamos em *Cidade de Deus* grande preocupação com o fortalecimento de denominações filosóficas e religiosas entendidas como opostas ao cristianismo adotado por Agostinho. Entre os grupos cristãos opostos ao modelo cristão católico, defendido por Agostinho destacam-se no contexto africano e conseqüentemente na obra *Cidade de Deus* os sabelianos e os arinistas<sup>2</sup>.

A obra foi escrita em Cartago, quando o autor já atuava enquanto bispo de Hipona. Percebemos para além dos traços de permanências, muitas vezes atribuídos a Agostinho, características e demandas específicas daquele espaço e tempo determinando suas “intenções, circunstâncias, motivações”. Busquemos agora desenvolver um olhar contextualizado, voltado para a compreensão da intencionalidade dos debates linguísticos presentes na obra.

*[...] Ser capaz de caracterizar dessa forma uma obra, em termos de força ilocutória pretendida, é o mesmo que ficar sabendo aquilo que o escritor pode ter querido dar a entender ao escrever de uma determinada maneira. É o mesmo que ser capaz de afirmar que ele ou ela concebiam a sua obra como um ataque, ou uma defesa, como uma crítica, ou uma contribuição, a uma determinada atitude ou a um certo tipo de argumentação[...]. (SKINNER, 2005:142)*

Notamos que as intenções presentes na escrita de Agostinho estão relacionadas com uma visão macro (para o cristianismo entendido como universal, para história de Roma, onde se inserem as províncias africanas) e com a realidade peculiar de Cartago. O autor ao recuperar a

---

<sup>2</sup> Os sabelianos divergiam sobre a Trindade, tema que rendeu obra *De Trinitate* de Agostinho, escrita entre 400 e 416, entre seus afazeres pastorais, Agostinho buscava refutar as interpretações distintas sobre Deus que estaria acima do tempo e das circunstâncias enquanto Pai, Filho e Espírito Santo. Apareceria, assim, sucessivamente nesses três papéis para criar, redimir e santificar. Assim, o modalismo reduz a Trindade a meras aparências sucessivas, ou seja, as três Pessoas não existem ao mesmo tempo, pois ora Deus se apresenta como Pai, ora como Filho, ora como Espírito Santo. Tal opinião surgiu em Roma, em torno do ano 190 d.C., final do século II. Já o arianismo era um movimento do século IV, que surge com o bispo Ário, bispo da Igreja de Alexandria, que não aceitava a unidade da essência o que levava a proposição de uma subdivisão da substância divina. Considerava que o filho havia surgido do ser de Deus, assim haveria um tempo em que Cristo não era. Assim Cristo seria um Deus inferior, criado, não uno ao Pai.

A luta entre as diferentes concepções levou a realização de um concílio onde membros da Igreja cristã católica de diversas partes do mundo se reuniram em Nicéia, em 325, com a presença de 318 bispos católicos e 22 arianos. O segundo concílio ecumênico ocorreu em Constantinopla, em 381 e buscou finalizar os debates doutrinários em torno da questão sobre a Trindade. As definições colocadas no concílio niceno-constantinopolitano não foram incorporadas por todas as denominações cristãs e os embates se mantiveram no contexto africano. (AGOSTINHO, 2008:9-17)

história romana, visa em primeiro plano, demonstrar que diferentes crises, inclusive piores do que a vivenciada pelos seus contemporâneos estiveram presentes desde a fundação de Roma. Assim sendo, Agostinho no livro terceiro perpassa a história de Roma desde sua fundação com Tróia e os irmãos Rômulo e Remo até o Império para demonstrar a injustiça de se responsabilizar o cristianismo pelas guerras e problemas vivenciados pelos romanos. (AGOSTINHO, 2009:107-145)

Dos 31 capítulos que narram sobre guerras, pestes e desastres que assolaram Roma antes do “advento do cristianismo”, o primeiro traz a introdução ao que se propõe o livro, os 15 capítulos seguintes narram sobre o período monárquico, os 13 subsequentes figuram a república-império e finalmente os dois últimos trazem a conclusão do argumento do autor. Cabe chamar a atenção para o fato de que, assim como nos livros anteriores, as guerras púnicas aparecem com destaque no processo expansionista romano e como momento em que podemos observar aspectos negativos e corruptíveis entre os romanos. Romanos em guerra também seriam detentores de “selvagem costume”, uma vez que apesar de clemência e comedimento levariam homens à escravidão e morte. (AGOSTINHO, 2009:33)

Assim, 6 dos 13 capítulos narram sobre personagens e acontecimentos que se configuram como fundamentais na história de Roma. O autor destaca personagens que se configuraram enquanto heróis em território africano. Entre eles, Marco Regolo, conhecido por sua atuação decisiva nas batalhas das guerras púnicas, (Agostinho. 2009:44-45) teria sido enviado prisioneiro para convencer seus concidadãos a pedir paz. O acordo era que se os mesmos não aceitassem, Regolo deveria voltar para Cartago, onde seria condenado à morte. Ele teria defendido ao senado romano a manutenção da pressão militar uma vez que pela condição política e econômica de Cartago eles seriam derrotados. Seguindo sua palavra Regolo retorna a Cartago sendo morto violentamente.

*[...] Régulo, [...] homem ilustre de verdade e antigo vencedor e pacificador dos cartagineses. Poria fim à primeira guerra púnica, se por excessiva cupidez de louvor e glória não impusesse aos cartagineses, já cansados, condições que lhes superavam as forças. Se o inesperadíssimo cativo desse herói, a indignadíssima escravidão, o fidelíssimo juramento e a morte crudelíssima dele não forçaram os deuses a enrubescer de vergonha, é porque na verdade são de bronze e não lhes corre sangue nas veias. (AGOSTINHO, 2009:131)*

Outro personagem destacado por Agostinho foi Cipião Nasica, também, denominado Cipião o Africano, eleito cônsul por duas vezes em 205 a.C. e 194 a.C. derrotou Anibal na batalha de Zama. Trata-se de mais um exemplo pagão romano que se destaca em vitória contra Cartago. Agostinho, porém, critica romanos que por “apetite de domínio”, de todas as paixões a que “mais embriaga a alma romana”, terem oprimido e escravizado cartagineses. (AGOSTINHO.2009:60).

*Na última guerra púnica, de uma só investida a êmula do Império romano foi cordada pela raiz por Cipião, que por isso recebeu o cognome de “o Africano”. Depois, tamanha afluência de males vexou a república romana, que a prosperidade e a segurança, causas da excessiva corrupção de costumes, origem de tão grande calamidades, puseram de manifesto haver a súbita destruição de Cartago sido mais nociva que a inimizade antiga, por tanto tempo alimentada. Omito nesse período os mil e um desastres bélicos, devidos as várias causas, e a violada aliança numantina, até chegar a César Augusto, que parece haver arrancado ao povo romano toda a liberdade, gloriosa na opinião deles [...].(AGOSTINHO.2009:136)*

Cabe ressaltar que “o Africano” se relaciona em Agostinho e:

“com os romanos, cujo império incluía uma província conhecida como África, sendo que os seus intelectuais utilizavam o mesmo termo para fazer referência “tértia orbis terrarum pars” (por exemplo Salústio, Jug.17,3), ou seja, ao continente tal qual como o conhecemos, o terceiro depois da Europa e da Ásia.” (MUDIMBE,2012:11)

Salústio, historiador e político que se evidenciou no cenário político romano após acompanhar o imperador em viagem à África, sendo nomeado governador da Numídia, é permanentemente utilizado por Agostinho. (AGOSTINHO. 2009:84-85). Podemos então tomar sua definição de África ao lermos nosso autor. Assim como Sila que antes de ascender ao posto de ditador ganhou força política na guerra contra Jugurta, no norte da África, o que lhe gerou o cargo de questor. (AGOSTINHO. 2009:144).

Os demais 7 capítulos, que narram a história de Roma, estão distribuídos com 1 capítulo sobre males na Ásia e 6 que narram episódios em território europeu. É interessante observar, ainda, que o último capítulo conclusivo destaca “África” e “Europa” com fatos que marcam

graves problemas que antecedem o cristianismo e que revelam a “deslavada sem-vergonhice [de] atribuir a Cristo os atuais desastres porque não se lhes permite o culto aos deuses, quando é certo haverem tamanhas calamidades existindo no tempo em que lhes tributavam culto” (AGOSTINHO. 2009:144).

A influência de episódios e questionamentos singulares ao norte da África em Cidade de Deus se revela latente ainda que o autor almeje uma motivação atemporal e a-histórica (aproximar-se da Cidade de Deus, com ensinamentos transmitidos e conduzidos por Deus) o significado do que ficou escrito por Agostinho se relaciona diretamente com seu contexto.

Assim sendo, trabalhamos com uma obra que reflete embates e experiências em um contexto de crise, onde o autor chama opositores para o debate e busca respondê-los com seus escritos que circularam com Agostinho ainda em vida, o que amplia ainda mais a vivacidade do discurso.

*Aos que querem pelos bens deste mundo, adorar vaidades e se queixam de não se lhes serem permitidos esses pensamentos pueris, creio haver lhes respondido nestes cinco livros. Depois de haver dado a lume os três primeiros e quando começavam a andar de mão em mão, ouvi que alguns preparavam por escrito não sei que réplica contra eles. Depois me chegou aos ouvidos que já haviam escrito, mas procuram oportunidade para sem perigo, entrega-los ao público [...]*

*Todavia, ponderem seriamente todas as coisas. [...] Se, por conseguinte existe alguém cuja felicidade consiste em maldizer, desengane-se; melhor fora se visse privado dessa liberdade, visto que, deposta a vaidade de sua jactância, poderia agora, como se se tratasse de consulta, discutir conosco quando quisesse e quanto pudesse, ouvir resposta honesta, ponderada e livre daqueles a quem, como se estivesse discutindo consulta. (Agostinho, 2009:229-230)*

Tamanha a importância de se compreender os interlocutores a quem Agostinho convida à discussão e questionamentos cujas respostas buscaram ser apresentadas em Cidade de Deus, que passaremos agora para uma análise, mais atenta, às circunstâncias em que escreveu a obra.

### **3. As Circunstâncias: Agostinho de Tagaste à Hipona**

Agostinho une-se ao movimento cristão na denominada Antiguidade Tardia, período marcado por intensas transformações ocorridas a partir do século II d.C e que se intensificam

no decorrer do século. Tal processo culminaria na deposição de Rômulo Augusto, no Império Romano do Ocidente, em 476.

No contexto vivenciado por Agostinho, a educação era um dos elementos fundamentais para a ascensão social. E foi assim, mediante os esforços paternos para lhe fornecer a educação, iniciou o processo ascensão social.

Antes de falecer, seu pai Patrício reivindicou a proteção de Romaniano para Agostinho, Patrício e Romaniano pretendiam que o pupilo se consolidasse enquanto advogado profissional e se convertesse em funcionário do Império. A partir dos 20 anos, Agostinho atuaria como professor de retórica em Milão, onde, por meio da obra Acadêmica, de Cícero, toma conhecimento do ceticismo, aderindo a esse pensamento e chegando a fazer parte da Academia deixada por Platão. Romaniano era um homem influente que constantemente viajava à Itália para defender a sua propriedade imperial. (BROWN, 2008:41-45)

No auge de sua carreira Agostinho se aproximou da seita de Mani, ao retornar para Cartago, em 375, Agostinho depara-se com um universo católico onde os maniqueus eram considerados hereges por excelência. O maniqueísmo se colocava como a “Igreja dos Gentios” na África, pois atraía um número significativo de pagãos, que repudiavam os métodos autoritários da Igreja estabelecida ou viam na doutrina uma possibilidade de reformulação do cristianismo. Os maniqueus eram cristãos que se autodenominavam radicais e que representavam os católicos como meros semicristãos. Sua ideologia dualista girava em torno da ideia de um “Reino da Luz” e um “Reino das Trevas”. Seguidores de Mani, os maniqueus concebiam Cristo como um princípio de Sabedoria por excelência, que deveria levar ao esclarecimento. Defendiam que Deus não precisava de outro altar senão a mente humana e concebiam-no como um Pai, simultaneamente generoso e castigador. Essa vertente religiosa viria, ainda, a se expandir pelo Extremo Oriente. No século VIII temos um Estado maniqueísta na fronteira com o império chinês e, mais tarde, na região que ligava a Pérsia e o Ocidente da China. (BROWN, 2008:57-70).

A escolha de Agostinho pelo cristianismo foi marcada pelo contato estabelecido com Ambrósio e Simpliciano, bispos pertencentes aos círculos intelectuais de Milão. Aos 32 anos, Agostinho foi então batizado por Ambrósio, em 24 de abril de 387. “Depois do batismo, Agostinho decidiu retornar à África com os amigos, com a ideia de praticar uma vida

comunitária, de tipo monástico. Ali fundou um mosteiro, foi ordenado presbítero em 391, em 395 tornou-se bispo.” (BENTO XVI, 2010: p.167).

É necessário destacar que no momento em que Agostinho se estabelece como clérigo em Hipona, os católicos constituíam uma minoria. A igreja rival mais significativa era a Donatista, fundamentalmente na zona rural. Os donatistas eram formados pelo grupo cujo surgimento encontra-se atrelado ao cisma na África, que se deu no momento em que Ceciliano foi escolhido pela comunidade para ser ordenado bispo de Cartago. Uma minoria, apoiada por bispos núbios, se opôs à escolha, defendendo a ordenação de Majorin, um leitor da mansão de Lucina, matrona rica da região. Sob a liderança de Donato, o grupo de oposição dirigiu-se ao bispo de Roma e ao próprio imperador Constantino, não tendo suas reivindicações atendidas. Mantendo a dissidência na África, os donatistas se apresentariam como mártires e defenderiam a vida em martírio. Denunciavam a aproximação entre o cristianismo católico e o Estado romano, assim como negava a validade do batismo católico. (HAMMAN, 1989:19-23).

Outro grupo religioso combatido por Agostinho foi formado pelo arianismo. Se trata de um movimento consolidado aos seguidores de Arius, presbítero de Alexandria, que por volta de 319 passou a negar a consubstancialidade entre Jesus e Deus. Assim sendo, Jesus seria subordinado a Deus, e não o próprio Deus. Ao mesmo tempo, Ário e seus seguidores arianistas afirmavam que sendo Deus um grande e eterno mistério, oculto em si mesmo, nenhuma criatura ou instituição conseguiria revelá-lo. Para a compreensão sobre os embates entre diferentes religiões e seitas cristãs na Antiguidade Tardia. (RUBENSTEIN, 2001). Sobre os arianos Agostinho destaca a luta que o imperador Teodósio traça-ra contra os mesmos:

*[Teodósio] Em meio de todas essas coisas, desde o princípio de seu império não deixou de dar leis mais justas e santas em prol da Igreja, que lutava com os ímpios, se afanava e era perseguida com violência pelo herege Valente, favorável aos arianos. (AGOSTINHO. 2009:229)*

É notável o clima de tensão e intensos embates onde os discursos religiosos formavam o sustentáculo de uma arena. Esses conflitos refletiam disputas pela formação de opinião, de práticas éticas e morais, de legitimidade e, conseqüentemente, de poder. Ao fim, a verdade que predominasse sobre os questionamentos decorrentes da turbulenta sociedade da

Antiguidade Tardia receberia a função de auxiliar a regeneração e a congregação dos grupos sociais dotados de laços de coesão cada vez mais instáveis.

No século IV, Roma havia dividido suas possessões africanas em sete províncias: da Líbia, à Mauritânia e de Cartago à Cesaréia. A costa subsaariana era formada por inúmeras cidades portuárias de norte a sul (até os limites do Saara), e de leste a oeste (até o centro da Mauritânia). Assim como a capital, que ditava o modelo da *urbs* romana, cada cidade possuía seu fórum, basílica, termas, teatro, anfiteatro e bispo. No momento de permanente ameaça de invasões, Agostinho critica a existência em Cartago do crescimento dos “jogos cênicos”, tradição pagã greco-romana, (Agostinho. 2009:60-73) e dos “teatros dos cênicos” (Agostinho. 2009:79).

Hipona era um dos exemplos de antigas cidades púnicas transformadas no processo de romanização. A linguagem púnica era comum em Tagaste, onde nasceu Agostinho, em 354. As línguas púnicas, na época de Agostinho, consistiam em uma variante da língua fenícia falada nas regiões ultramarinas no período de expansão fenícia. A civilização desenvolvida em Cartago resultou da mistura da cultura dos berberes do Norte da África com a dos colonos fenícios. A cidade foi gradualmente ascendendo sobre as demais cidades fenícias do Mediterrâneo. Devido a disputas econômicas, políticas e culturais, Roma domina e devasta Cartago no fim da Terceira Guerra Púnica, em 146 a.C. (BROWN, 2008:23-41).

A cidade, contexto em que Agostinho atuava era administrada a partir de Cartago, mas distante do olhar vigilante das autoridades romanas, um sacerdote que falasse somente o latim não poderia se fazer compreender. Bastava se afastar da cidade para se sentir a influência da cultura berbere. “*Patrício, Mônica e Agostinho, ao que tudo indica, eram de descendência berbere*”. “Até o nome, Mônica, lembra uma divindade autóctone, Monnica”. (HAMMAM, 1989:442-451).

Agostinho atuava em seu contexto com atribuições inclusive jurídicas, na medida em que enquanto bispo lhe era delegado este papel, a presença berbere, se fazia perceptível desde o período anterior à fundação da colônia fenícia de Cartago, “nome fenício Kart Hadasht”, que significa “cidade nova”. O que poderia fazer supor que desde o início tal região fosse planejada para ser a principal colônia fenícia. Não temos muitos documentos fenícios, os

relatos que temos são dos seus principais rivais: gregos e romanos. (MOKHTAR, 1983:449-451)

Possivelmente corria nas veias de Agostinho sangue berbere, ao mesmo tempo em que a África de nosso autor era uma terra latina, o latim lhe serviu de veículo de cultura assim como foi sua língua materna. O autor nascera em uma província, pertencente a grande pátria romana, orgulhosa em “dilatar as fronteiras do mundo civilizado de então.” Neste medida, defende Etienne Gilson, sua identidade voltava-se para Roma e afastava-se do passado púnico vinculada à Cartago e Anibal (Cartago resistiria até 146). Agostinho recebera o nome Aurelius e cidadania romana em seu nascimento, revelando benefício advindo da Constituição de Caracala, em 212, que naturalizou grande número de provincianos. (MARROU, 1957:13-26)

Mas a que pátria Agostinho pretendia servir? De que maneira o mesmo se identificava? Não era a pátria romana, mas a pátria celestial. Em Cidade de Deus a identidade defendida distancia-se do ideal romano, ou de qualquer pátria terrena e se aproxima do ideal de pátria cristã, da “cidade celeste”. (AGOSTINHO.2009:37). [...] Essa, em poucas palavras, a senda universal para a libertação da alma, “Essa a senda, que não é de uma nação apenas, mas de todas as nações. [...] A Cidade de Deus, que havia de congregar todos os povos.” (AGOSTINHO,2009:412)

Assim sendo, ainda que o autor veja-se enquanto romano, sua defesa é por uma identidade e pátria que remeteriam ao atemporal, à “cidade de Deus”. Busca transcender costumes e características singulares ao contexto humano, logo ao Império romano em África, Ásia ou Europa. Mas, conforme defende o próprio autor, o conhecimento humano parte de contextos e culturas, por isso é temporal.

Apesar de reconhecer que a visão humana do mundo detém influência do meio em que vive Agostinho defende que pela graça seria capaz de alcançar a verdade atemporal. Por isso, combate aos donatistas que supervalorizam o cristianismo africano. “*Os donatistas eram o grande problema da África de Agostinho. Eles afirmavam: o verdadeiro cristianismo é o africano. Opunham-se à unidade da Igreja.*”(BENTO XVI, 210:183). Contra o denominado “cisma africano” o bispo de Hipona lutou defendendo que “só na unidade também a africanidade pode ser verdadeira”. Esta tensão entre o ideal universal cristão e a formação da

verdade humana que parte de culturas e histórias singulares e fragmentadas marca o discurso de Agostinho.

Logo, podemos supor uma relação entre a conexão de Agostinho com diferentes culturas e o desenvolvimento de sua visão da fragilidade do conhecimento humano, sempre apreendendo parte do real e não a totalidade, que pertenceria apenas a Deus.

*“Esse mesmo autor [Varrão], de tal maneira profundo e sábio, diz ser de parecer que somente compreenderão que é Deus aqueles que acreditaram ser a alma governadora do mundo, com movimento e razão, porque o Deus verdadeiro não é a alma, mas o Criador da alma, se pudesse desligar-se dos preceitos do costume, confessaria e aconselharia o culto a um Deus único, que governa o mundo com movimento e razão.” (AGOSTINHO.2009:182)*

Agostinho identifica que mesmo o sábio Varrão (116 a.C-27 a.C) estava preso aos “preceitos do costume”. Mesmo o reconhecido filósofo e enciclopedista romano, nascido em Reate, na Sabina, errara em sua concepção sobre Deus, devido aos costumes e falsas crenças existentes na cidade terrena. Eis a marca da cidade terrena marcada pelos delírios entendidos enquanto verdades racionais.

*Se a razão humana, fraca e enferma cá na Terra, ao invés de atrever-se resistir ao brilho da verdade, submetesse a sua languidez ao tratamento de salutar doutrina, à espera de que pela fé e pleno amor obtivesse graça divina sua cura, sentido exato e faculdade de exprimir-se bastariam, sem prolongada argumentação, para de sua insignificância convencer todo o erro. [...] Mas a moléstia que trabalha os espíritos extraviados é ainda mais pernicioso hoje, quando, depois de todas as razões possíveis e tais como o homem deve esperar do homem, seja por causa da profunda cegueira que já não vê a evidência, seja por indomável obstinação, incapaz de suportá-la, defendem os arroubos de seu delírio como a razão e a própria verdade. (AGOSTINHO. 2009:69)*

A humanidade naturalmente falha e incompleta em sua apreensão do mundo seria incapaz de julgamentos plenos, conseqüentemente, Agostinho observa que apenas a Deus caberia o julgamento de suas obras compiladas em Cidade de Deus.

*[...] Desse modo, não quererei para juiz de meus escritos nem a ti mesmo, caro Marcelino, sem pessoa alguma daquelas a quem, por amor a Jesus Cristo, consagro este fruto de minhas vigílias, se estiverdes sempre a reclamar resposta a cada contradição que se formule, parecido com as mulheres de que fala o Apóstolo “que*

*não param de aprender e jamais chegam ao conhecimento da verdade.*  
(AGOSTINHO.2009:69)

Logo, mesmo Cidade de Deus sendo um conjunto de obras dedicadas à Marcelino (AGOSTINHO.2009:27), nem ele ou qualquer cristão, seria justo juiz da mesma. Uma vez que a razão humana é falha, seria responsável por cegueira e ilusões vistas como verdades. Somente Deus seria juiz genuíno. Tal percepção defendida por Agostinho faz parecer ao pensamento contemporâneo algo extremamente contraditório, na medida em que o autor é um dos defensores da doutrina católica. Contudo, na visão do Padre da Igreja<sup>3</sup> pela fé e amor poder-se-ia à graça<sup>4</sup> divina, conduzir à uma Verdade revelada (atemporal e a-histórica), distinta dos “delírios” das verdades temporais.

Agostinho assim em sua busca pela verdade através da iluminação divina estaria sempre no “entre-lugar”, entre seu “eu” formado em permanentes trocas construídas histórico-socialmente, na capital romana do Império e na realidade experimentada desde o seu nascimento no norte da África. O autor defendia ainda, estar no “entre-lugar” do seu “eu” humano, pecador e falho e seu “eu” interior, que, permitiria contato com Deus e conseqüentemente com verdades atemporais e universais (almejada pela doutrina que ajuda a construir). Podemos então deduzir que seu pensamento, assim como a recepção do mesmo estava fadado ao:

*Terceiro Espaço, que embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo.*  
(BHABHA.2014:74).

O autor defende que o conhecimento sobreposto ao ser e à vida constituiria o terceiro termo de um conjunto de aspectos hierarquizados: sentido exterior, sentido interior e razão. A verdade (a razão) viria através do sentido interior ao dirigir e decodificar o sentido exterior.

---

<sup>3</sup> Padres da Igreja: categoria originalmente utilizada pelo Teólogo protestante alemão Johann Gerhard em 1637 para designar a pressuposta antiguidade dos conceitos teológicos que os Reformadores queriam defender. Mais tarde, o critério de “antiguidade” é incorporado à terminologia católica, torna-se o conceito de autoridade para os autores que determinaram os fundamentos e o desenvolvimento do pensamento ortodoxo da fé cristã católica.

<sup>4</sup> Podemos definir a graça segundo Agostinho: “Sendo soberano bem, Deus se basta, assim é livremente e gratuitamente que ele dá tudo o que dá e, nesse sentido, não há qualquer uma de suas obras que não seja uma graça”. (GILSON, 2007:280). O que a graça faz é abrir o homem interior para Deus, nos capacitando conhecer a verdade. (TAYLOR, 2013:1840).

Nada no homem estaria acima da razão, logo transcender a razão seria transcender ao homem, o que, por consequência, levaria a uma aproximação de Deus. A verdade seria um conhecimento imutável e eterno, diferindo-se do aspecto humano, temporal e instável. Podemos notar aqui a aproximação de Agostinho e os neoplatônicos.

*Não cedam apenas aos filósofos platônicos que disseram ser o Deus verdadeiro o autor dos seres, o senhor da verdade e o dispensador da felicidade, todas as coisas contidas nas duas teologias, isto é, na fabulosa e na civil, mais também cedam à homens tão grande e tão exímios conhecedores do grande Deus os grandes filósofos que de inteligência entregue ao corpo, pensaram serem corporais os princípios da natureza. Assim, Tales recolocou na água; Anaximenes, no ar; os estoicos, no fogo; os epicuristas, nos átomos, isto é, em certos corpúsculos infinitamente pequenos que não podem dividir-se nem sentir-se, e outros inúmeros filósofos cuja enumeração seria inútil e longa. [...] Esses e os demais filósofos que se parecem com eles, puderam pensar apenas o que seus corações, sujeitos aos sentidos da carne, lhes pintaram. [...] É a inteligência humana essência da alma racional com certeza incorpórea. Não é, pois, nem terra, nem água, nem ar, nem fogo, quatro corpos, por outro nome, quatro elementos, de que vemos constar o mundo corpóreo.*  
(AGOSTINHO. 2009:307)

Em Agostinho devemos compreender este “eu” como o que Charles Taylor denominou de *self unificado*, que vemos articulado à teoria de Platão, desencadeadora da ideia agostiniana, e moderna, de interioridade. Contudo como assinala Taylor, Platão não usa a dicotomia dentro-fora em sua argumentação e raramente usa a linguagem do “interior” ou do “íntimo” para defender uma ideia moral.<sup>5</sup>

Para Platão, o princípio supremo é observado a partir do domínio dos objetos que ele organiza. Também para Agostinho, Deus pode ser conhecido mais facilmente por meio da ordem que criou, e, não pode ser conhecido diretamente, a não ser em raro estado místico (como aquele vivenciado por São Paulo, na estrada de Damasco). Mas, Agostinho de maneira peculiar defende que nosso principal encontro com Deus se dá não através do domínio de objetos, mas, “*em nós mesmos*”. A verdade em Agostinho não está apenas “*lá fora*”, iluminando a ordem do ser, como apresentada por Platão; é também uma luz “interior”.

---

<sup>5</sup>No que se refere ao *self unificado*: “As oposições cruciais para Platão são entre alma e corpo, imaterial e material, eterno e mutável. São essas que têm o maior peso nas formulações de Platão”. (TYLOR, 2013:162-163).

Nota-se que Agostinho muda o foco dos objetos conhecidos para a própria atividade de conhecer. O domínio dos objetos é público e comum, mas, a atividade de conhecer é particularizada; cada um de nós está envolvido de maneira peculiar a este processo. Conhecer significa voltar-se para si mesmo em uma atitude reflexiva. Sabemos que a ideia de “*voltar-se para si mesmo*” foi defendida por filósofos antigos. Mas o “*cuidado consigo*” significava o cuidado com a alma. Não há antes de Agostinho a adoção do ponto de vista da primeira pessoa no que se refere à alma.<sup>6</sup>

Essa interioridade desenvolvida por Agostinho distingue-se da interioridade moderna, na medida em que Agostinho dá o passo para a interioridade porque é um passo para Deus. A verdade estaria *dentro*, mas em seu pensamento, Deus é a Verdade. Assim sendo, no movimento de buscar conhecer internamente iríamos para *o alto*, ou seja, nos aproximaríamos de Deus, que é a Verdade.<sup>7</sup> Assim sendo este subjetivismo no ato de conhecer, particularizado e dependente das experiências, que no caso de Agostinho remete à realidade romana, fundamentalmente vivida no norte da África, associado a ideia universal e atemporal de Deus, nos parece, enquanto herdeiros da visão moderna de subjetividade, extremamente paradoxal. A sua defesa doutrinária convive com a crença na parcialidade do julgamento humano.

Em 430, Agostinho adoeceu, vindo a falecer em 28 de agosto. Um ano antes, Hipona foi evacuada e parcialmente incendiada durante as invasões bárbaras, mas a biblioteca de Agostinho, ao que tudo indica, escapou da destruição. Possídio, responsável por compilar os escritos agostinianos, viveu mais alguns anos em Cartago, até ser expulso por novos governantes, cristãos arianistas. (MORROU. 1957: 13-47).

#### 4. Conclusão

Assumimos aqui “Três empregos do termo intenção: ter feito ou fazer alguma coisa intencionalmente, agir com certa intenção; ter a intenção de. Só o terceiro emprego contém a referência explícita ao futuro.” (RICOEUR, 2014:54). No que se refere à intencionalidade de

---

<sup>6</sup>Como nos mostra Taylor, o ponto de vista da primeira pessoa significa que: “O mundo como conheço existe para mim, é vivenciado por mim ou pensado por mim, ou tem significado para mim. Conhecimento, consciência, é sempre de um agente”. (TAYLOR, 2013:173).

<sup>7</sup> Nas palavras de Charles Taylor: “A internalização elaborada pela era moderna, da qual a formulação de Descartes foi uma das mais importantes e influentes, é muito diferente da de Agostinho. Ela de fato coloca, num sentido muito real, as fontes morais dentro de nós.[...] A ordem das ideias deixa de ser algo que descobrimos para ser algo que construímos”. (TAYLOR, 2013:190-191).

Agostinho em Cidade de Deus, em suas duas significações primeiras, temos que nos remeter ao contexto norte africano para a compreensão correta da mesma.

As intenções e motivações do autor no seu tempo presente foram apresentadas. No que tangenciava o futuro o objetivo era aproximar-se da Cidade de Deus, auxiliando, com a ajuda de Deus, na salvação dos que lessem a obra e ao mesmo tempo galgava a sua salvação. Com isso, almejava no futuro pertencer à pátria onde a atemporalidade da vida eternidade sobressaísse. Mas como conhecer tal pátria? Dar-se ia isso, para a humanidade, fora do tempo? Reconhecendo a importância do norte da África na formação da identidade de Agostinho, seria possível não reconhecê-la como fundamental em seu processo de busca pela verdade pela cidade de Deus? Agostinho apesar de crer que seria a graça, advinda do ser atemporal (Deus) que permitia ao homem acesso à cidade de Deus e à verdade, reconhece que a humanidade se forma submersa à cultura e experiências. Logo o meio e a cultura não podem ser negados no processo singular, interno e fragmentados da humanidade conhecer.

Deus estaria na eternidade, no totalmente estável, em um tudo totalmente presente, na atemporalidade, enquanto os homens instáveis viveriam em outro tempo e lugar. O homem busca, então, através da revelação, ou graça, contemplar a verdade subtraindo as limitações do tempo. (RICOEUR, 2012:3).

Ainda que em Cidade de Deus Agostinho vislumbre aproximar-se do universal e atemporal, busca realizar tal missão “com auxílio de Deus” (AGOSTINHO. 2009:27) e análise da História greco-romana em termos religiosos e civis, para dela se aproximar de uma verdade estável, atemporal e a-histórica. Esse esforço é acompanhado do reconhecimento da razão humana marcada por valores opostos a totalidade de Deus, eis a tensão que marca a obra.

Agostinho passa então a ser compreendido enquanto agente significativo na Antiguidade Tardia, através de suas intervenções no norte da África que influenciam diretamente em seu discurso e embates promovidos pela obra Cidade de Deus, que se fazia acompanhada de homilias, debates públicos, e decisões jurídicas, que lhe cabiam enquanto bispo. Enquanto homem, suas palavras para serem bem compreendidas precisam estar inseridas em seu e espaço e tempo.

### **Referências Bibliográficas**

- AGOSTINHO. **Cidade de Deus**. Vol. e II. São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, Editora Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 2008.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: Princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- BENTO XVI. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Pensamento, 2010.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMF, 2014.
- BOEHNER, Philotheus e GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- BROWN, Peter. **Santo Agostinho: Uma Biografia**. São Paulo: Ed. Record, 2008.
- GILSON, Etienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2007.
- HAMMAN, Adalbert. **Agostinho e seu tempo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- HADOT, Pierre. **O que é filosofia Antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARROU, Henri-Irenée. **Santo Agostinho e o agostinismo**. Rio de Janeiro: Editora Agir. 1957.
- MOKHTAR, G. **História Geral da África**. São Paulo: Ática, Paris, Unesco, 1983.
- MUDIMBE, V.Y. **A Invenção da África: Gnose, Filosofia e Ordem do Conhecimento**. Portugal: Edições Pedagogo. 2013.
- \_\_\_\_\_. **A Ideia de África**. Portugal: Edições Pedagogo. 2012.
- REZENDE, Antônio. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- RICHTER, Melvin. **Reconstructing the History of Political Languages: Pocock, Skinner, and the *geschichtliche grundbegriffe***. Wesley University.
- RICOEUR, Paul. **O Si Mesmo Como Outro**. São Paulo: Martins Fontes. 2014.
- \_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. Vol. 1. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa**. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- RUBENSTEIN, Richard. **Quando Jesus se Tornou Deus**. Rio de Janeiro: Editora FISUS, 2001.
- SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Visões da Política: Questões Metodológicas**. Lisboa: DIFEL, 2005.
- TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 2013.
- VEYNE, Paul. **O Império Greco-Romano**. São Paulo: Ed. Campus/Elsevier, 2008.



\_\_\_\_\_. **Quando Nosso Mundo se Tornou Cristão [312-394]**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.